







*As esculturas da jovem norte-americana Jessica Joslin variam de tamanho entre cinco centímetros e um metro de altura, e são articuladas. Reconhece cada uma delas por um nome particular – Serafina, Cosimo, Fenix – que remete para um estranho grau de intimidade, que uma obra de arte sem título nunca teria. Para a artista, são bichos de estimação antes de serem obras, apesar de correrem o risco de serem vistas como criações grotescas. São feitas de materiais dispares, como peças de candeeiros, brinquedos, garfos para marisco, marfim, ossos e pele de luras. Tudo temperado com uma certa dose de humor negro. Entrevistámos Jessica Joslin no momento em que a sua galeria, Lisa Sette Gallery, prepara a sua primeira monografia.*

**Onde aprendeste a trabalhar com os materiais para a produção das peças?**

Eu considero-me, em primeiro lugar, uma autodidacta. Faço este tipo de escultura desde 1992 e durante todos estes anos tenho vindo a requintar o meu trabalho. Durante grande parte desse tempo trabalhei paralelamente em modelagem, construindo entre outras coisas maquetes de arquitectura e de protótipos, e adereços de teatro. Estes trabalhos deram-me um certo domínio em construções mecânicas e moldes, podendo responder às necessidades de precisão que hoje encontro no meu trabalho. Estive numa escola de arte, mas não sinto que isso me tivesse influenciado. As minhas esculturas são construídas usando uma variedade de técnicas muito precisas que não aprendi numa escola de arte. Sei montar sem soldar, senão ia destruir a patine das peças antigas que aplico nas minhas construções. Produzo fechos mecânicos bastante eficazes. As esculturas são muito mais complexas do que parecem. Por exemplo, em «Ludwig» (um gato), cada pé é feito de 30 peças independentes.

**Li que nasceste numa casa que tinha um 'cabinet de curiosités'. Em que consistia esse gabinete?**

Tinha todo o tipo de objectos que os meus pais achavam maravilhosos: sementes, conchas, caveiras, pedras e cristais com formas estranhas. Tinha uma pedra com a silhueta de uma baleia. Havia ainda diversos tipos de ovos, fungos, caranguejos, vértebras, animais dissecados, cigarras, flores, folhas secas e muitas outras coisas...

*Nos 'cabinets de curiosités' do séc XVII era comum ter criações fantásticas que incorporavam objectos do mundo natural misturados com artefactos realizados pelo homem. Alguns deles tinham peças preciosas, trabalhadas para se tornarem objectos de desejo. Vês o teu trabalho na continuidade contemporânea dessas propostas?*

Para mim são fontes de inspiração sem fim. Interessam-me as preocupações estéticas, científicas e culturais dessa época, assim como os coleccionadores dessa época. Estou sempre a investigar novas fórmulas de apresentação. Quero estimular nos outros a curiosidade e o fascínio

*És uma colecionadora compulsiva de objectos?*

Sou uma colecionadora compulsiva de coisas específicas e ecléticas. Embora haja uma grande variedade de materiais no meu atelier, sou muito exigente com cada peça que coleciono. Tenho uma parede com centenas de pequenas gavetas até ao tecto, com rótulos identificando o conteúdo. Por exemplo, há gavetas só com pés de passarinhos em estanho e outras com ossos de rato, escamas de peixe, tachas metálicas, pontas de chapéu de chuva, etc. Estou sempre à procura de tesouros e novas fontes.

*Onde consegues os ossos que usas nas peças. São todos achados?*

No início só usava ossos que eu ou amigos achavam. Hoje em dia misturo-os com ossos fornecidos por empresas especializadas que trabalham com escolas e museus. Também uso muitos moldes de ossos para espécies protegidas. Devido à minha formação em modelagem, eu própria posso produzi-los e mantenho um controle muito rígido ao longo do processo. A grande maioria das pessoas, incluindo biólogos e naturalistas, não consegue diferenciar o que é realmente verdadeiro do que não é. Às vezes a origem dos ossos é muito mais específica e pessoal. Por exemplo, «Happy» foi a primeira das minhas esculturas que comemoram um bicho de estimação. Começou por uma conversa com um casal de colecionadores na inauguração de uma exposição minha. Contaram-me a história do seu cão salicha chamado Happy, que tinha sido atropelado pelo marido, sem querer. Dez anos depois, quando um bulldozer derrubou uma árvore do jardim da casa, as raízes puseram a descoberto o esqueleto do cão, que tinha sido ali enterrado. Concluíram que Happy tinha que ficar com eles e encaixotaram os ossos, guardando-os num armário. Durante a conversa ofereci-me para fazer uma peça do Happy e um ano depois chegaram os restos, com uma carta dizendo para fazer deles algo de maravilhoso.

*O que dirias ter tido mais impacto no teu trabalho?*

Em partes iguais, pesquisa e capricho. O meu trabalho é o tipo de coisa que eu sempre procurei ver, mas como não existia, eu mesma tive que o produzir.

*Já alguma vez colaboraste com o teu marido, Jared Joslin?*

Frequentemente sirvo de modelo para as suas pinturas, mas também dividimos as fontes de inspiração e desafios. Trabalhamos no mesmo atelier e as ideias estão sempre a circular entre os dois. Temos uma paixão em comum pelo circo do início do séc XX e é fascinante ver como as mesmas fontes são traduzidas de formas diferentes em cada respectivo universo. Por exemplo, os meus animais de circo a balançar em bolas foram inspirados em pinturas do Jared que retratavam duas senhoras flutuando em bolas sobre um lago.

*Como defines a tua relação com as criaturas que crias?*

Penso neles como bichos de estimação e como amigos. Por isso lhes dou nomes em vez de títulos. Há sempre um momento na construção de uma peça nova onde ela começa a revelar a sua personalidade única e começa a respirar.

[www.jessicajoslin.com](http://www.jessicajoslin.com)

[www.lisasettegallery.com](http://www.lisasettegallery.com)





**DIRID**

WOMEN'S WEAR

## **English translation of Article:**

### **1 Where did you learn to work with the materials you do?**

I consider myself to be primarily self-taught. I have made this type of sculpture since 1992, so I have refined my techniques over many years. Also, during much of that time, I worked as a professional model maker, building architectural models, prototypes, and custom props. That training brought a level of expertise in machining, casting and precision fabrication, which I have subsequently brought to my own work. I did go to art school, but I don't feel that it directly influenced what I do.

My sculptures are constructed using a wide range of techniques, each appropriate for the qualities of that material. The parts are assembled without welding, because heating would destroy the beautiful patina on the antique metal. I use mechanical fastenings instead. The sculptures are much more complex than they appear in images. In Ludwig, for example, one single foot consists of 30 separate parts!

### **2 I read that in your childhood home in Boston your family had a "collector's cabinet". What kind of things did you have in it?**

All sorts of marvelous found objects: seedpods, seashells, skulls, rocks with crystals or peculiar patterns (there was one with the distinct silhouette of a whale), egg cases (a devil's purse, for example), fungi, crabs, vertebrae, cicada, dried flowers and leaves, and much, much more...

### **3 In the collectors' cabinets of the 17th Century, it was quite common to have these fantastic creations incorporating objects from the natural world mixed with the man-made "artificial" worlds, worked into sought after objects of desire. Do you see your work as a modern day continuation of this?**

I find endless inspiration in the aesthetic, scientific and cultural preoccupations of that time period. Just as those collectors did, I constantly seek, and also hope to inspire, curiosity and fascination.

### **4 Are you a compulsive hoarder?**

I am a *precision* hoarder! I am very particular about the parts that I collect, although I do keep a huge variety of materials in my studio. There's a wall lined with hundreds of tiny drawers, labeled with obscure things like: pewter bird feet, mouse bones, fish scales, chrome spikes, umbrella tips...

I am always seeking new sources and hunting for treasures. The parts that I use are eclectic and very specific.

## **5 Where do you get your bones from? Are these all "found objects"?**

When I began, I used only bones that I (or my family and friends) had found. Now, I supplement those with bones acquired from osteological suppliers. That is the type of company that a school or a museum might use to get specimens. I also use a fair amount of cast replicas in my work (for protected species.) Because of my background as a model maker, I am able to do the molds and casts myself and keep a very tight rein over the quality. The vast majority of viewers (including a few biologists and naturalists) have not been able to tell what is real and what is not.

Sometimes there are instances where the origin of the bones is much more specific and personal. "*Happy*" is the first of the beasts that was made to commemorate a specific pet, using its actual bones. It started with a conversation. At one of my openings, I was talking to a couple of collectors. They told me about a pet they had once had, a cranky, mean old dachshund, named Happy. The one person who still had a great fondness for him was "Gramps," who was equally ornery. One day, Gramps accidentally ran Happy over with the car. They buried Happy in the backyard.

10 years later, they were walking around the property where their old house had once stood. The bulldozers excavating the property had knocked over a huge old tree. When it fell, the roots had unearthed Happy's skeleton. It was lying on the ground, perfectly intact. They decided that this dog was clearly meant to stay with them, somehow or other. So they packed him up and put it in a closet. What a perfectly bizarre, wonderful tale (to me, at least!) I told them that if they ever wanted to commission a piece from him, to let me know. A year later, I began the piece, with only the instructions, "Make something wonderful."

## **6 Excluding actual artists, what would you say has had the most impact upon your work?**

In equal parts, research and whimsy. My work is what I would wish to see, but doesn't exist anywhere, so I had to make it myself.

## **7 Do you ever collaborate with your husband, Jared?**

I often pose for Jared's paintings, which is a collaboration of sorts. Generally, we often share inspirations and challenges. We work in the same studio, so ideas bounce back and forth all the time. We both share a love of times gone by, particularly the early 20th century circus. It is quite fascinating to see how the same source material translates so differently into our respective realms. For example, my recent circus animals, balancing on balls, were partly inspired by a pair of Jared's paintings. They are two luminous, costumed ladies, floating upon circus balls in the darkness of a lake. Or, in another instance, I made an elaborate harness on one of my creatures, which was reminiscent of the bridle on one of his Equestrian paintings. Jared is also my sharpest-eyed critic. Luckily, he's brilliantly knowledgeable of animals, so it comes in handy.

## **8 How would you define your relationship with your creatures?**

I think of them as pets and friends. That is why I name them, rather than “title” them. At a certain point when building a new piece, they start to reveal their own unique personality. They begin to breathe.

## **9 Could you tell me a little about the pieces which formed your last exhibition, the Brass Menagerie?**

My upcoming show, “Brass Menagerie” draws from the whimsical, decadent aesthetic of the fin de siècle circus. There is a monkey in a cone shaped hat, balancing on a striped circus ball. Another “balancing act” is performed by a dik dik (a tiny African antelope) with one blue eye and one brown eye. A miniature doglike creature pulls a sideshow chariot, as if in a midway parade. The menagerie, as a whole, creates narratives that are delicate, grotesque and playful. This latest animal troupe sports plumes and ruffled collars, caps and costuming, as they frolic, preen or display the spoils of their hunt.

The poses are, at once, startlingly familiar and yet mysterious. One feline is seen grooming itself; its leather tongue is poised to lick its outstretched paw. Another sheepishly carries a tiny two-headed bird in its jaws. It looks up at the viewer as if it's been caught with a forbidden trophy. A bird appears to fan its wings of delicate dangling chains, as if to dry the feathers after a swim. A dog gives sidelong glances from beneath a starry hood, as if imploring the viewer to come out and play. “Brass Menagerie” is a carnival of distinctive creations, its frolicsome fauna beckon you to see the show...